

Apresentação

Miscelânea – Revista de Literatura e Vida Social abarca, em seu volume 14, de julho-dezembro de 2013, um dossiê dedicado às fontes primárias e à história literária, privilegiando-se artigos originados de pesquisas com revistas, jornais, correspondências, manuscritos, acervos pessoais de escritores e arquivos institucionais, entre outras espécies documentais. A pesquisa em torno de documentos e periódicos geralmente se viu excluída das histórias da literatura, as quais priorizaram a crítica e a análise textual de livros; hoje, no entanto, temas como a materialidade da literatura e a primariedade das fontes têm se destacado na academia brasileira, revelando aspectos subsumidos que dão importantes contribuições para os estudos literários.

A revista abre-se com artigo de Pablo Rocca, comentando a tensão existente no Rio da Prata entre a lírica oral, associada ao canto do *payador* analfabeto, e a poesia escrita, relacionada ao texto oriundo do literato cidadão. Essa dicotomia desestabiliza-se quando o *payador*, na virada do século XIX para o XX, incorpora-se ao sistema literário dito culto, trazendo desafios à história da literatura, em especial à da região platina.

Segue texto de Izabela Guimarães Guerra Leal e Rúbia de Nazaré Duarte Santiago, que investigam as traduções de poemas alemães publicadas no suplemento “Arte-Literatura”, inserido no jornal *Folha do Norte*, de Belém, que circulou entre 1946 e 1951. Editado por Haroldo Maranhão, o caderno publicava poetas paraenses, crítica literária e tradução de poesias, com destaque para o alemão, envolvendo autores como Rilke, Hauptmann e Hölderlin.

André Luis Mitidieri e Miquela Piaia também tratam da relação da língua alemã com a literatura brasileira, ao comentarem as traduções que o jornalista Arno Philipp fez de romances de José de Alencar e a correspondência trocada entre Philipp e familiares de Alencar. O material utilizado para a pesquisa está depositado no Acervo Literário Arno Philipp (ALAPH), mantido na URI de Frederico Westphalen/RS, o que mostra a importância do arquivamento de documentação de caráter vário. Igualmente sobre acervos versa o texto de Stela de Castro Bichuette, cujo ponto principal é o levantamento de como o escritor Adelino Magalhães, por meio do seu arquivo pessoal, entende a importância do grupo modernista do Rio de Janeiro.

Caminho diverso é perseguido por Maria Eunice Moreira, ao atentar para a recepção de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu pela crítica portuguesa do século XIX. Os três poetas românticos brasileiros

mereceram comentários de jornalistas e escritores como Lopes de Mendonça, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Alexandre Herculano, destacando-se a preferência dos críticos por Gonçalves Dias, fruto provavelmente do estudo pioneiro de Herculano, inserido na *Revista Universal Lisbonense* (1847-1848), que aponta o maranhense como um dos poetas mais promissores da então jovem nação brasileira.

Já Bruna Grasiela da Silva Rondinelli reconstituiu as encenações e a recepção crítica, no Rio de Janeiro, de *A dama das camélias*, romance de Alexandre Dumas Filho, de 1848, adaptado pelo próprio para o gênero dramático em 1852. O trabalho dá-se por meio da análise da tradução do romance, em 1853, impressa n' *O Jornal das Senhoras*, e de anúncios de espetáculos e de textos críticos publicados pela imprensa entre os anos de 1856 e 1860, depois da primeira montagem da peça, no palco do teatro Ginásio Dramático, em fevereiro de 1856.

Na sequência, quatro estudos circunscrevem-se a periódicos, abordando-os de diferentes perspectivas. Desta maneira, Francisco das Neves Alves perscruta editoriais, poemas e textos da *Violeta*, jornal de cunho feminista, que circulou nos anos de 1878 e 1879 em Rio Grande (RS), sob a direção da poetisa Julieta de Melo Monteiro; Jaison Luís Crestani lança um olhar sobre o perfil editorial do jornal carioca *O Cruzeiro* (1878-1883), com o objetivo de averiguar a sua interlocução com as questões sociopolíticas e culturais de seu tempo; Eduardo da Cruz demonstra que as páginas da *Revista Universal Lisbonense* (1841-1859), quando estiveram sob a redação de Antônio Feliciano de Castilho, entre 1842 e 1845, funcionaram como experimentação estética e divulgação de jovens autores portugueses; Benedita de Cássia Lima Sant'Anna, por sua vez, apresenta as matérias de autoria da educadora e escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta publicadas em *O Brasil Ilustrado* (1855-1856), periódico que enfatizava a literatura, além de estampar textos religiosos, biográficos e científicos.

Prossegue um grupo de seis textos que aborda nomes importantes para a história e a literatura, trazendo à tona facetas pouco conhecidas desses autores. Assim, Maria Juliana Gambogi Teixeira analisa a linguagem de Jules Michelet, historiador francês do século XIX, em especial nos *Escritos de juventude*, compilação que recobre seus anos de formação; Francisco Topa relaciona intertextualmente o poema "Minha terra", do angolano José da Silva Maia Ferreira, com a *Crônica do descobrimento e conquista de Guiné*, do português Gomes Eanes de Zurara; Douglas Rodrigues de Sousa reconstrói o cenário urbano do Rio de Janeiro da *Belle Époque*, tendo como norte as crônicas de João do Rio; Rubens da Cunha, por meio de cartas, cadernos e anotações, mostra as tentativas de Hilda Hilst de encenar as suas oito peças de teatro, escritas entre 1967 e 1969; Risolete Maria Hellmann

relata a presença intensa da escritora Carmen Dolores (um dos pseudônimos de Emília Moncorvo Bandeira de Melo) em diferentes periódicos brasileiros do final do século XIX e começo do XX; Fabio Mario da Silva, por fim, reflete, a partir de Soror Mariana Alcoforado, sobre os conceitos de autor e autoria para colocar em discussão o não reconhecimento da produção literária feminina em Portugal.

Os ensaios finais do volume são assinados por Henrique Marques Samyn e Camila Garcia Kieling. O primeiro desenha o perfil das mulheres que figuram nos fascículos de *Retratos, e elogios dos varões, e donas, que ilustraram a nação portuguesa em virtudes, letras, armas, e artes, assim nacionais, como estranhos, tanto antigos, como modernos*, série concebida entre 1806 e 1822 por Pedro José de Figueiredo, intelectual português hoje praticamente esquecido; a segunda repercute a Tomada de Laguna, episódio ocorrido em Santa Catarina em 1839, durante a Revolução Farroupilha (1835-1845), por três vieses diferentes: o histórico, o jornalístico e o literário, respectivamente, em Moacyr Flores, no jornal *O Povo* e no romance *O vaqueano*, de Apolinário Porto Alegre.

Como se pôde ver, o presente número dedicado às fontes primárias recorre a vários tópicos teóricos: literatura oral, modernidade, tradução, intertextualidade, escrita feminina, história cultural, história da literatura, micro-história, acervos. Movendo-se dos periódicos aos livros, dos autores celebrados àqueles esquecidos pelo cânone, do século XV ao XX, do gênero teatral ao poético, passando pelo romance e pela crônica, o volume ora à disposição dos leitores cumpre o seu papel principal, ou seja, o de suscitar o debate e abrir novos caminhos de pesquisa.

Assis (SP)/Rio Grande (RS), 2 de setembro de 2014

Alvaro Santos Simões Junior
Mauro Nicola Póvoas